

ESTE PREGÃO MERECEU UM SUBSÍDIO
ESPECIAL DO PELOURO DA CULTURA
DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES

O PREGÃO DE S. NICOLAU



Recitado nas ruas e praças de Guimarães
pelo aluno

**ANTÓNIO JOSÉ
CASTRO LOPES**

**NICOLINO, RUFA... RUFA...
QUE SÃO NICOLAU GOSTA
DESSA LUFA**

Minerva segredou-me em sonhos cor de rosa:
— "Um dia hás-de cantar como uma filomela
O amor, a alegria, a luz esplendorosa
Que o sol da mocidade emite fresca e bela
E hás-de possuir um estro fulgurante
Que te dite o Pregão de um modo não qualquer,
Vá pelo mundo fora à terra mais distante...
Hás-de ser pregoeiro um dia, haja o que houver."
A deusa assim falou, cumpriu-se a profecia
E aqui estou eu perante o mundo inteiro
Como aquele em quem todo o escolar confia
A honrosa missão de ser seu mensageiro.

As caixas e os bombos jazem em repouso
Fazendo à volta a guarda de honra habitual,
A multidão apinha-se, o povo ansioso,
Espera pela "charge" ou missil ogival
Que parta a louça toda que há para quebrar;
Depois nós mandaremos vir por encomenda
Para quem bem não ache e no fim não gostar,
Das Caldas o que vós sabeis, para que aprenda

Que em nós, na mocidade há a irreverência
De mandar p'ra qualquer lado, seja qual for,
Quem for corrupto ou sofra de incompetência,
Não seja em política mais que um estupor...
E ele há tanto exemplo de gatinha desta,
Tanto macaco posto a comer na banana,
Tanta gente (meu Deus) que para nada presta,
Tanto daquele bicho ruim que nos engana...

A vida?... um pavor: o que uma pessoa ganha
Não dá para meter sequer num orifício
Que não se diz qual é, mas todo se arreganha
E responde mal se é grande o sacrifício
Para fazer a vida... no seu quotidiano
De andar a alimentar-se, estudar, vestir...
Um sujeito qualquer, um pobre ser humano.
Mas esperem aí, por que isto até faz rir:

— Enquanto os maiorais vivem à tripa forra,
Tirando bons aumentos, trinta ou mais por cento,
O povo, coitadinho, apanha é uma porra
— Seis e meio e é um pau — ridículo aumento...!
Um adicional de um e meio, agora,
Dado como esmolinha de compensação!
"Toma lá a chupeta, vá bebé, não chora...
Em Títulos de aforro... é ou não é bom?!

Quais bens desnecessários à sobrevivência
E desde o vestuário (calças e cuecas)
— Até à raçozinha que mata a apetência
De um bifinho e fica em pisas ou panquecas,
O salário e o preço andam numa guerra,
O preço vai ganhando batalha após batalha
E o cidadão tem razão, ele não erra,
Quando triste comenta: "isto é uma canalha"...

Assim a rusga segue ao som do "Cavaquinho",
Rumo a São Liberal, santo do seu afecto;
Animam-na os bons bailadores do Minho:
Eurico de Melo e Mendes (duo predilecto).
Entrecruzam-se o vira com o corridinho
E há baile mandado pelo grande chefe:
"Bate o rabo no chão... aperta com jeitinho,"
À moda do Algarve, cara de magarefe,

Bem determinado, ele lá marca o compasso;
Mas o vira do Minho é o mais usual:
Vira, sim senhor, levantando o braço,
Vira tudo ao contrário, no que é magistral.
Olhem para os jornais se não estão a virar??
Vira o imposto a subir (e a gente: ai! ai...)
E vira mesmo a Bolsa de pernas ao ar...
O próprio Cavaquinho vira mas não cai...

Com Roberto Carneiro vira a Educação,
Porém os ignorantes ficam ignorados
Enquanto professores há sem colocação
Com Código das Custas vira os advogados
E vira do avesso com a tal Beleza
Os médicos por causa das suas carreiras
Que já chamam a esta a Thatcher Portuguesa,
Inventora de ganhos, senhora sem maneiras.

Fundos Comunitários... Vira mas aonde?
Que ninguém sabe onde vão parar...
A C.E.E. disse: "Aí tendes, disponde!..."
Ai! As voltas do vira são boas de dar...
Vira a Constituição, mas vira só metade,
É que a revisão faz-se no Parlamento
E a maioria não tem maioridade
— O vira neste caso é mastigado e lento...

Mas muito já virou a ferros ou ferrinhos,
Enquanto a "presidência aberta" de Soares
Põe-no a descer o Douro, provando bons vinhos,
Num barco rabelo com aqueles seus ares
De homem que nasceu mesmo para o lugar...
Raras vezes está no Palácio em Belém?
É o presidente "Maria, toca a andar..."
E bom torneador de mui dificuldades
Não faz irritação nas costas de ninguém,
Mas garante, que ele é, das nossas liberdades,
Merece a nossa vénia e merece-a bem.

☆☆☆

À imprensa local saudamo-la agora
Concedendo-lhe as honras que, aliás, merece!
Nesse gesto não fica orgão nenhum de fora,
Pois cada um defende a terra que estremece;
Nesse amplexo abrangemos as rádios locais
Que lançam para o ar uma outra claridade...
— Votos para que todos, rádios e jornais,
Se liguem por laços de sã fraternidade.

A propósito cabe agora perguntar:
— Com o século 21 no calendário,
Não se podendo nele tal feito alcançar
Será no 22 que vamos ter DIÁRIO?
A vizinha do lado dois quotidianos
Tem, quase tão velhos como a sua Sé,
E nós, coitados, nem sequer planos
Para pôr um órgão, desses tais... de pé!

☆☆☆

Pessoa está na moda... outrora inacessível,
Tornou-se popular o vate ensimesmado;
Agora todos podem vê-lo, isso é possível,
Chegando a Lisboa e em pleno Chiado
Sentarmo-nos como ele em franca cavaqueira
Na esplanada de um café da capital
Chamado "A Brasileira";

Pessoa vos será servido de bandeja
Com uma bica à moda antiga, anos vinte,
Ou então uma bem tirada cerveja
Tudo isso com imenso intelectual requinte,
Sabereis de Caeiro um pouco mais que nada
E de Álvaro de Campos nada mais que um pouco
De Ricardo Reis vá lá... tereis uma pitada,
O Poeta da Mensagem, o do génio louco.

Conhecido apenas que era pela gente fina
Desceu à rua a contactar o povo...
Nascido há 100 anos, tem "poster" numa esquina...
Um poeta velho assim se torna novo!
Mas alto aí...! em permanente crise
Não pode ir mais além a mente portuguesa,
Pois para o conhecer haverá quem precise
De o ler recolhido assim como quem reza...

— Essa seria a grande e mais justa homenagem —
Dar a lê-lo ao povo e menos badalada;
Ai se a gente fosse fazer uma sondagem:
— "Pessoa? Sim... conheço mas nunca li nada"
O lê-lo foi na verdade um acto mais que sóbrio,
Ó Poeta do "valeu a pena" está tudo na mesma,
Tudo como dantes, desculpa este opróprio,
Portugal em cultura é a eterna lesma...

— E no bronze esculpido do dito botequim
Aqui lavro o meu protesto e bato o pé,
Os ladrões pregaram-lhe a partida, deixaram-no assim:
Roubaram-lhe os óculos e a chávena do café...
Pessoa desfigurado... nem um livro na mesa...
Pessoa? Não é ele... ao menos não parece;
Melhor será assim... na torpe safadeza
De uma partida vil... "Malhas que o Império tece..."

Pátria livre... outra vez Senhora és do Mar
E Senhora de terra vasta e alargada
Que manda ao Cabo um barco novo a lembrar
O caminho todo ele de água salgada.
Foi há quinhentos anos, foi... essa epopeia,
Rasgando para sempre a cerração do mar...
Como em tudo, primeiro veio a ideia
E a obra surgiu depois a velejar.

Faça-se justiça e justiça por inteiro:
Se do Infante ao Gama, tudo são marés,
No entanto o maior nome, o grande obreiro,
É esse que se chama Povo Português.
Ao nauta ignorado que se salvou ao fim
Ou que pereceu no fundo dos oceanos,
Cavaleiros do Mar, aqui vos fica assim
Nas comemorações dos já quinhentos anos

Das Lusas Descobertas, lídima homenagem
Do povo estudantil de Guimarães-Cidade.
A senhora do Mar que numa outra abordagem,
Ó Pátria, sem perderes tua identidade
Senhora és da terra, vais para a Europa
Com tua cultura antiga e nova gente...
(Que bem te vestes com moderna roupa!)
E mandas escritores, artistas para a frente

— Eduardo Lourenço, Torga e tantos mais
Que te levam, Pátria, a dar na vista
Laureados nos grandes centros culturais...
Estás fazendo, Pátria, a tua Reconquista.
Assim com passos fortes, largos, de gigante,
Portugal na Europa, entras entre brilhos...
Não pela mão de algum senhor reinante,
Mas pela mão e génio dos teus filhos.

☆☆☆

Falar de droga não... apenas um apelo
Aos jovens como nós, apelo à razão pura:
O haxixe é o beijo... a heroína o selo
Marcado antes da morte na casa da loucura.
Não entres juventude na porta onde o negrume
Ao fundo se depara em tóxico-dependência,
Deixar de ser estrela e ser um débil lume
Que em convulsões se apaga... não vás na experiência;

Mais forte que os Estados todos numa frente
Vosso gesto será de repulsão constante,
Que seja este lema a voz da vossa mente:
"A vida é bela livre... Arreda, traficantel."

Aqui, neste Pregão de humor de perdição
Que nenhuma censura há que hoje suspenda,
Eu vou falar de tanta e tanta má acção
Esperando que toda, toda a gente, entenda.
Porque é que Guimarães não anda para a frente,
O progresso nesta terra é uma palavra vã
E o bom senso dela anda tão ausente
Tudo se adia e fica para amanhã:

O que aqui se faz é destruir o "outro"...
Aí esta o labor de cada cavaleiro
Quando no contra aos saltos como um potro
Quer dar uns galões no parceiro.
Não houve este ano Marcha Gualteriana,
A bem dizer não houve Festa da Cidade...
Culpa?! A falta de verba a ninguém engana...
Foi sim, isso sim, a animosidade

Que joga uns contra os outros, essa maldita pecha;
Não houve este ano Marcha, mas a Corredoura
Teve uma de truz e se não houver quem se mexa,
Tenha vergonha — Saida Salvadora — !...
Para o ano recorra-se lá, tragam-na aqui,
Como alvitrou o Barroso da Fonte
E quanto à Comissão que vá fazer Xi - Xi
(Ó céus, o disparate!) — Querem para aquele monte,

A deslumbrante Penha, um louco teleférico
E a gaiola aérea irá dar-nos mui fama
Todo o mundo irá ficar histórico
Ao ver o brinquedinho passar por sobre a rama
Dos pinheiros da Costa e turistas de cima
Dizendo-nos adeus com a sua mão fechada
Que o preço do transporte naquela obra prima
Será só para o rico... o pobre vá de estrada.

Aquela Cooperativa deseja dar seus frutos,
(Ao Superior Ensino aqui se alude)
Mas a Câmara nega-lhes seus contributos,
O espaço que foi do Centro de Saúde...
Por si caiu (azar), no campo do Vizela,
Metálica bancada e aquilo foi um ai...
— Inquérito chegou à conclusão singela:
O que se ergue à pressa, bem depressa cai.

Nesta apagada e vil tristeza vamos vendo
De Portugal o Banco fechar a sua agência...
— Quem exporta agora este osso vai roendo
(Um milagre mais de Santa Negligência)
Ainda o Centro Têxtil vai nas nossas costas
Para a nóvel cidade de Famalicão
Que a tempo ninguém fez quaisquer propostas
E tudo ficou a olhar... "Patêgo, olha o balão!"

Outra afronta ao bom senso... "in illo tempore" quando
No Convento da Costa era a cultura enorme
Estudos Superiores se via ninistrando,
Hoje é uma pousada onde se come e dorme...
Por ironia do destino o culto
Do copo e prato, mais dos prazeres da cama,
Tomou lugar por um turismo estulto
Ao alto espírito que outrora lhe deu fama,

Estátua vamos ter de Mestre Gil Vicente
Em Navarros de Andrade... enfim velhos anelos
Vão pôr autor e actores bem frente a frente
Na conhecida farsa de "Quem tem farelos?"
Farelos...? Por aí são o que mais se vê,
São tantas as peneiras e os fareleiros
Que se o Mestre voltasse perguntaria o porquê
De haver mais burros e menos albardeiros.

☆☆☆

Puseram-se parâmetros pela cidade,
O Progresso chegou de forma taxativa
Negócio que será de rentabilidade
Tanto mais que a Câmara está isenta de IVA...
Os postes nos passeios, veros impecilhos,
São para o peão contínuo obstáculo
E no nosso Tournal como pardais no milho
Os cobradores vão dando um bem triste espectáculo:

A Praça do Tournal, sempre tão magestosa,
Tornou-se num lugar bem pouco hospitaleiro,
Na sala de visitas a visita pousa
O carro e já lhe dizem "bota cá dinheiro!"
Que terá sucedido à pobre da Garrida,
O sininho de topo ali da Oliveira,
Que caiu no silêncio dos que não têm vida...
Resfriado apanhou na badaleira?

Ai que nunca mais ouvimos seus ledos repiques...
Foi o velho relógio que por baixo tem,
que electronicamente, cheio de arrebiques,
As horas vão soando à Big Ben,
Que lhe impôs a tristeza em que há tanto mergulha?
Tudo desvirtuado... olvidar não podemos
O altar de Nicolau metido numa tulha
Esperando que nós, seus devotos, o salvemos;

Vamos rapazes a isso, com o nosso jeito,
Fazer que no-lo doe a Colegiada
Vamos pô-lo fora em sítio a preceito,
Numa nova capela por nós levantada.
— Já se ouve ao longe um coro de estudantes
pelas portas pedirem suplicantes:
—"Quem dá, quem dá... um prego ou um pau,
Para a capela de São Nicolau...
Mais um pouco de terra em bom lugar
Que uma capela não se faz no ar.

O Vitória lá ia ao escalão segundo...
Mas não chegou a ver-se essa grande desgraça,
Como ia até vencendo o campeão do mundo
Num grande jogo na Final da Taça!
Como o destino é vário e mais do que isso... louco!...
Como quem com o alheio mal só é que vinga,
Num gesto, que de dignidade tem bem pouco,
A Académica quis ver se salvava,
Põe à Federação o tal caso N'Dinga;
A coisa esteve feia, esteve mesmo brava,

Mas acabou por se fazer justiça
Ao dar a transferência em ordem os papéis.
Um Técnico que não é nabo, nem nabiça
— Agora é ver Doutor Geninho e suas leis
— Porém não vai a coisa bem e Pimentão
A mostarda já tem chegando-lhe ao nariz
Ao ver tantos jogos sem pontuação.
— Mais artilheiros manda vir lá dos Brasis.

Mais eis que já começou a sair os trunfos
O Vitória em si começa a ganhar fé
E traz para Guimarães na senda dos triunfos
A Super-Taça Cândido de Oliveira... Olé!...
Molda-se a Tradição aos tempos actuais:
Dantes predominava o branco, hoje a onda é rosa;
Se em direitos mulher e homem são iguais,
Não é de admirar que cresça pressurosa

Esta corrente andaz que mudou num instante
Figurinhas de cera em vivos seres humanos
Que tocam bombo como qualquer estudante.
Até São Nicolau, lá dos célicos planos,
Ao ver o que por cá vai, todo se prepara
Para vir até nós no seu velho trenó
No cabelo põe "Gel" e à moda o apara,
Tirando às Nicolinas, pois, um certo pó.

Mas amanhã, Amigas, o pomo essencial
Das nossas passará às vossas meigas mãos
Como há cem anos com todo o ritual,
Sem romantismos falsos e juramentos vãos.
Guarnecei as janelas, ornai essas varandas
Só por um momentos, um fugaz minuto,
Com naturalidade e atitudes brandas
Aparecei a recolher o lindo fruto

☆☆☆

Ó bastardos de Apólo, filhos da mãe comum,
A terra, essa fecunda "Geo" que vos pariu,
Perfilai-vos à minha frente um a um
— Quero que se veja, hoje, o que nunca se viu:
Neste mundo real, mas mais imaginário,
Com avião mistério, nocturno, em Paris;
Rust à Praça Vermelha a descer temerário,
A moda está lançada em feitos de raiz...

Levantai voo em aéreas caravelas...
Zabumbando sobrevoai Washington e Moscovo!
Que os bombos digam não à Guerra das Estrelas
Digam bem alto que "as estrelas são do povo"!

Joaquim do Amaral Pereira da Silva
NICOLINAS/88